

# Coligação prejudica deputado

O quociente eleitoral explica os casos de candidatos que, mesmo com votação muito grande, não conseguem se eleger.

O caso mais citado nas últimas eleições é o do deputado federal Paulo Octávio (PL-DF), candidato à reeleição pela coligação Aliança Liberal Progressista, que reúne PL, PV, PRN e PRP.

Ontem, ele admitiu ao **Correio Brasiliense** que não conseguirá votos suficientes para ser eleito. "Terei cerca de 35 mil votos", previu.

Como a Aliança Liberal de Paulo Octávio tem candidatos com baixa votação, a soma dos votos dele e de seus companheiros de coligação não atingirá o quociente eleitoral previsto para eleger um deputado — cerca de 100 mil votos.

**Quociente** — O mesmo conceito que explicará a derrota de Paulo Octávio justificou no passado a eleição de candidatos com pouca votação, mas "puxados" pelos campeões de votos.

Foi o caso do deputado Sigmaringa Seixas (PSDB-DF), que se elegeu em 1990 com apenas 12.870 votos quando

o quociente era de 85.213, enquanto Ulisses Canhudo Azevedo, filho do empresário Wagner Canhudo, ficou de fora com 23.485 votos.

Sigmaringa Seixas disputou em 1990 pela coligação Frente Popular Brasília, que reuniu PDT, PSDB, PCB, PSB, PC do B e PEB.

Foi empurrado para a Câmara Federal pela votação estrondosa do bancário Augusto Carvalho, do PCB, agora PPS. Os votos nulos e as abstenções reduzem o quociente eleitoral, diminuindo o número de votos necessários para a eleição de deputados federais e distritais.

Já os votos brancos, contados como válidos, elevam esse quociente. Este ano, o número de eleitores cresceu e o percentual de abstenção e de voto nulos no DF, ao que tudo indica, não será muito maior que em 1990.

Logo, ser eleito este ano está mais difícil que naquele, porque o quociente eleitoral aumentou.

O quociente para eleger um distrital em 1990 foi de 28.609. Nesta eleição deve ser de 33.300.